

Maus Tratos com Idosos: Relato de Entrevista com Idosas

Elderly Mistreatment: An Interview Report with Elderly Women

Cyntea Cappelli Mantovani

Acadêmica de Psicologia – IMED. Email: cyntea_mantovani@hotmail.com

Ícaro Bonamigo Gaspodini

Mestre em Psicologia– IMED. Email: icaro.gaspodini@imed.edu.br

Resumo

Esta pesquisa foi realizada durante a disciplina de Desenvolvimento Adulto e Envelhecimento Humano, no quinto semestre do curso de Psicologia da IMED. O objetivo foi compreender a percepção de maus tratos contra idosos na visão de duas idosas residentes em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com perguntas abertas elaboradas com base na literatura. As participantes relataram nunca ter sofrido ou praticado maus tratos e pontuaram como a negligência é prejudicial.

Exemplificaram alguns cuidados básicos que tiveram com seus familiares idosos que adoeceram e precisaram de cuidados, demonstrando afeto, dedicação e calma mesmo diante dificuldades e teimosias dos mesmos. As instituições de longa permanência para idosos foram mencionadas com aspectos positivos e negativos, assim como abuso financeiro foi exemplificado através das histórias de conhecidos. A escassez de denúncias foi justificada pelo fato das pessoas não quererem se intrometer na vida das outras, mas dita como necessária para que idosos parem de sofrer. Esse contato foi rico, tanto para as entrevistadas, que se sentiram valorizadas por serem ouvidas e informadas sobre maus tratos a idosos, quanto para as alunas que tiveram um primeiro contato com a prática psicológica através da entrevista.

Palavras-chave: idosos, violência, relações familiares

Abstract

This research was carried out during the course of Adult Development and Human Aging, in the fifth semester of the Psychology course of IMED. The objective was to understand the perception of elder abuse in the eyes of two elderly women living in a city in the interior of Rio Grande do Sul. For this purpose, semi - structured interviews were conducted with open questions based on literature. Participants reported never having suffered or practiced mistreatment and pointed out how negligence is harmful. They exemplified some basic care they had with their elderly relatives who became ill and needed care, showing affection, dedication and calm even in the face of difficulties and stubbornness. The institutions for the elderly were mentioned with positive and negative aspects, just as financial abuse was exemplified through the stories of acquaintances. The shortage of denunciations was justified by the fact that people did not want to intrude on the lives of others, but dictated as necessary for the elderly to stop suffering. This contact was rich, both for the interviewees, who felt valued for being heard and informed about elder abuse, and for the students who had a first contact with the psychological practice through the interview.

Keywords: elderly, violence, family relationships

Introdução

Muitos idosos sofrem maus tratos diariamente. No ano de 1975, revistas britânicas descreveram pela primeira vez esse fenômeno, o chamando de “espancamento de avós”. Posteriormente, na década de 1980 vários países, inclusive o Brasil, passaram a relatar as primeiras pesquisas e intervenções nesse problema, passando a lhe considerar uma questão de saúde pública e criminal. Desde então, esses campos são os que orientam a forma de analisar e intervir nos maus tratos a idosos, que vem sendo considerado um fenômeno universal. Porém, tem se observado que é nos países emergentes que, frequentemente, a velhice é vista como uma fase onde a pessoa perde autonomia e capacidade de dar segmento aos papéis significativos que lhe foram atribuídos ao longo da vida, principalmente na família e no trabalho (OMS, 2002).

Há carência de pesquisas sobre esse assunto, principalmente no Brasil, até mesmo em função do subdiagnóstico desses crimes, pelas vítimas velarem os maus tratos, mantendo-os no âmbito familiar por vergonha, culpa, medo de serem repreendidas ou abandonadas pela família, onde, na grande maioria das vezes, se encontra o agressor (Oliveira, Trigueiro, Fernandes & Silva, 2013; Irigaray, Esteves, Pacheco, Grassi-Oliveira, & Argimon, 2016; Paiva & Tavares, 2015).

No ano de 1995 a população mundial de idosos, com 60 anos ou mais, era acima de 542 milhões de pessoas, sendo que a previsão para 2025 é que essa população aumente drasticamente e chegue a cerca de 1,2 bilhão de idosos em todo o mundo. Um fator de risco que torna os idosos mais pobres e vulneráveis é a economia mundial ter tantas desigualdades estruturais, como precariedade nos serviços de saúde, educação, desemprego e salários baixos, além da discriminação do gênero feminino. Porém, essa explosão de idosos na sociedade, trará benefícios muito relevantes como a experiência e o conhecimento que os mesmos trazem

consigo (OMS, 2002). Além disso, é importante aumentar o respeito a essa população que cada vez mais participa de grupos sociais e que, ricos ou pobres, independentes ou não, auxiliam no sustento de suas famílias e movimentam a economia (Minayo, 2003).

Os maus tratos contra o idoso são caracterizados como abuso físico, emocional ou psicológico, sexual, financeiro e negligência. Essa violência é descrita por ações inapropriadas, pontuais ou repetidas, em relações próximas onde haja expectativa de confiança e que cause prejuízo à pessoa idosa, assim como, a ausência de cuidados é tida como prejudicial. As instituições de longa permanência para idosos (ILPI), com suas equipes multidisciplinares, tem tido uma demanda crescente na assistência de idosos onde, em função das mudanças culturais, sociais e econômicas, familiares se sentem despreparados para cuidarem de seus parentes fragilizados e vulneráveis (OMS, 2002). Ainda sobre a institucionalização de idosos, a referência anterior traz uma pesquisa em um estado dos Estados Unidos que apontou que, 36% dos profissionais que nelas atuam já testemunharam ao menos um ato de agressão física aos idosos no último ano, e que 10% admitiram ter cometido esse tipo de abuso.

O Brasil adotou políticas públicas, como o Estatuto do Idoso, como forma de prevenir, punir e orientar familiares, cuidadores e ILPI quanto aos maus tratos com idosos (Brasil, 2003). Entretanto, a morte de idosos, institucionalizados ou não, ainda tem sido justificada como causas naturais, indeterminadas ou, até mesmo acidentais, porém, muitas vezes são consequência de maus tratos ou negligência (OMS, 2002).

O idoso pode correr riscos de ser maltratado mesmo quando não vive junto com o agressor, mas em lares onde os mesmos coabitam o risco é maior e, muitas vezes, esse indivíduo que pratica os maus tratos é a única pessoa que o idoso tem para lhe acompanhar. Esse risco também está estreitamente ligado à pobreza, pois nesses contextos eles se tornam

ainda mais vulneráveis a exploração, por não terem suas necessidades básicas supridas, como uma boa alimentação, higiene, saúde e pela falta de apoio familiar (OMS, 2002).

O perfil dominante do idoso maltratado é sendo de gênero feminino, desprovida de companheiro, com idade avançada, baixa escolaridade e com limitações, físicas ou cognitivas, que tornam os familiares seus principais cuidadores (Oliveira et al., 2013; Irigaray et al., 2016; Bolsoni et al., 2016). Enquanto o perfil do agressor é sendo um familiar, frequentemente filho adulto com problemas mentais ou dependência química e financeira do idoso (Grossi & Souza, 2003; Quinn & Tomita, 1997; Skirbekk & James, 2014). Diante desses dados, o objetivo deste trabalho foi compreender a percepção de maus tratos contra idosos na visão de duas idosas residentes em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, as quais serão descritas neste relato, assim como a percepção das alunas que tiveram um primeiro contato com a prática psicológica, através da entrevista.

Relato de Experiência

Esta pesquisa foi realizada durante a disciplina de Desenvolvimento Adulto e Envelhecimento Humano, no quinto semestre do curso de Psicologia da IMED. Para isso, foram entrevistadas duas idosas residentes em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul/Brasil, no mês de junho de 2018. Foram eleitos os nomes fictícios Violeta e Margarida para se referir às entrevistadas, afim de não as expor. Violeta, 77 anos, viúva, pensionista Margarida, de 75 anos, casada, aposentada. Seu objetivo foi compreender a percepção de maus tratos contra idosos na visão das entrevistadas.

Inicialmente, entrou-se em contato com as mesmas para agendar a data e o local da entrevista, apresentar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, suprir possíveis dúvidas, assim como explicar a temática e o objetivo da entrevista. No dia e horário marcados, foram realizadas entrevistas individuais, semiestruturadas, com perguntas abertas

elaboradas com base na literatura. Deixou-se claro a elas que não existiam respostas certas ou erradas e que podiam desistir ou fazer perguntas a qualquer momento. A interação entrevistadas-entrevistadoras se manteve constante todo o tempo, inclusive por elas possuírem experiência no cuidado com idosos, pois a viveram em suas famílias.

A primeira pergunta veio a fim de investigar o que elas entendiam por maus tratos ao idoso. Margarida pontuou que muitas vezes as pessoas assumem o compromisso de cuidar uma pessoa idosa sem saber como é uma tarefa difícil, que é necessário estar preparado, ter paciência, cuidado e amor, pois se tratados sem amor os idosos sentem e sofrem. Violeta diz não conhecer maus tratos por nunca os ter sofrido ou praticado e conta como costumava agir com sua falecida sogra que morou com ela por trinta e seis anos e passou os últimos cinco anos de sua vida acamada, sob seus cuidados, assim como precisou cuidar de seu falecido marido. Falou das dificuldades que passou e de como a paciência é fundamental.

A segunda pergunta veio com um texto explicativo e introdutório sobre os tipos de maus tratos contra os idosos, contextualizando-se que a maioria dos idosos maltratados são mulheres, desprovida de companheiro, com idade avançada, baixa escolaridade e com limitações, físicas ou cognitivas, e que são cuidadas por familiares. E por fim questionou-se o que elas pensam sobre essas várias formas de maus tratos. As entrevistadas reagiram com tristeza desde o momento que os maus tratos foram descritos e rememoraram as dificuldades do trato de idosos e as palavras paciência e amor tornaram a aparecer. Em suas percepções a violência física, verbal, a negligência e o abandono são as mais praticadas com os idosos. As ILPIs foram mencionadas com aspectos positivos e negativos: o primeiro na forma de uma boa opção para familiares despreparados e o segundo pelo fato de serem locais onde muitos idosos são abandonados.

A terceira pergunta foi um comparativo de como os idosos eram tratados antigamente e como são hoje. A falta de tempo dos familiares foi pontuada, assim como a falta de respeito

por parte de noras, netos e demais familiares. Esse desrespeito, principalmente dos netos, foi justificado pela falta de instrução dos pais em ensinarem desde cedo o respeito aos avós. Margarida relembrou que, antigamente, as filhas que não casavam permaneciam em casa e cuidavam dos pais e avós e que hoje em dia, os familiares querem trabalhar e terem suas vidas, sem se incomodarem com o cuidado aos idosos.

A quarta pergunta foi direcionada para como a sociedade tem falado dos maus tratos contra o idoso. As entrevistadas trouxeram que a sociedade diz que não se deve maltratar, mas que não é o que acontece, de forma velada, em muitas famílias. Violeta relata já ter tentado conversar com um agressor, mas que ele não aceitou seus conselhos e lhe disse que cada um faz o quer. Diante da quinta pergunta que se tratava de se conheciam alguém ou já haviam sofrido maus tratos, as entrevistadas relataram nunca terem sofrido essa violência, mas admitiram ter ouvido falar de pessoas que os sofreram. Margarida conta que cuidou de uma cunhada, solteira, que adoeceu e precisou de seus cuidados durante anos, assim como cuidou de sua mãe, viúva. O abuso financeiro foi pontuado e exemplificado no relato de Violeta quando fala de amigas que doaram seus bens e terras para os filhos na promessa de serem cuidadas por eles e seus familiares, mas que isso não aconteceu.

Na sexta pergunta, quando questionadas sobre como as autoridades poderiam ajudar esses idosos, foi sugerida a orientação a esses familiares assim que fossem feitas as denúncias. Porém no sentido da escassez delas, Margarida traz a questão das pessoas não quererem se intrometer na vida dos outros, mas diz que isso é necessário, pois servirá como alerta a quem também comete esses crimes e pode ser o próximo a ser punido.

A sétima e última pergunta foi relacionada à como elas acreditavam que os idosos deveriam ser tratados desde dentro das famílias até a sociedade. E o respeito foi citado inúmeras vezes, dentro da família, nos ônibus, inclusive Margarida diz que, mesmo sendo idosa, cede lugar para indivíduos mais velhos que ela nos ônibus. Os idosos abandonados em

ILPIs foram novamente lembrados com muita tristeza, pois muitos que lá são deixados estão lúcidos, sentem saudades e sofrem, muitas vezes, maltratados por funcionários. Violeta pontou que muitos familiares desejam o falecimento dos idosos para se virem livres deles e que já ouviu casos de negligência inclusive com a medicação desses indivíduos.

Discussão

As entrevistas confirmaram o que a literatura diz sobre maus tratos com idosos. Dos quatro indivíduos com mais de 60 anos, cuidados pelas entrevistadas, três eram mulheres, viúvas ou solteiras, doentes, de baixa escolaridade e foram cuidadas por familiares, portanto, se encaixam no perfil vulnerável a maus tratos (Oliveira et al., 2013; Irigaray et al., 2016; Bolsoni et al., 2016). Conforme as referências anteriores relembra e as entrevistadas pontuam, as negligências, a violência física, psicológica e financeira, são realmente as mais praticadas contra esses indivíduos. Diante do subdiagnóstico desses crimes, as denúncias e a orientação são imprescindíveis, conforme elas confirmaram na entrevista.

As ILPIs foram citadas pelas entrevistadas com aspectos positivos, como uma boa opção para familiares despreparados, e negativos, pelo fato de serem locais onde muitos idosos são abandonados e, muitas vezes, maltratados por funcionários, como a literatura pontua (OMS, 2002). Ainda como a referência anterior informa, a morte de idosos, muitas vezes, justificada por causas naturais, indeterminadas ou acidentais, são consequência de maus tratos ou negligência, conforme Violeta pontua quando diz que muitos familiares desejam o falecimento do idoso e negligenciam, inclusive, a medicação desses indivíduos.

Considerações Finais

As entrevistadas eram mulheres idosas saudáveis, independentes e capazes de suprir suas próprias necessidades em função da autonomia que possuem e que ainda participam ativamente das atividades de suas famílias e da comunidade em geral.

O contato das estudantes com as idosas foi rico. As entrevistadas se sentiram valorizadas por serem ouvidas, poderem contar suas histórias, além de serem informadas sobre o assunto em pauta. A experiência do primeiro contato com a prática psicológica, através da entrevista, foi muito válida para as alunas, que puderam treinar a escuta, a empatia e o acolhimento a essas idosas.

Referências

- Bolsoni, C. C., Coelho, E. B. S., Giehl, M. W. C., & d'Orsi, E. (2016). Prevalence of violence against the elderly and associated factors: A population based study in Florianópolis, Santa Catarina. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 19(4), 671-682. doi:10.1590/1809-98232016019.150184
- Brasil. (2003). *Lei nº 10.741. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências*. Brasília, DF: Diário Oficial da União.
- Grossi, P. K., & Souza, M. R. R. (2003). Os idosos e a violência invisibilizada na família. *Revista Virtual Textos & Contextos*, 2(2), 1-14. Recuperado de <http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/8165>
- Irigaray, T. Q., Esteves, C. S., Pacheco, J. T. B., Grassi-Oliveira, R., & Argimon, I. I. de L. (2016). Maus-tratos contra idosos em Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Um estudo documental. *Estudos de Psicologia*, 33(3), 543-551. doi:10.1590/1982-02752016000300017
- Minayo, M. C. de S. (2003). Violência contra idosos: Relevância para um velho problema. *Cadernos de Saúde Pública*, 19(3), 783-791. doi:10.1590/S0102-311X2003000300010
- Oliveira, A. A.V. de, & Trigueiro, D. R. S. G., & Fernandes, M. das G. M., & Silva, A. O. (2013). Maus-tratos a idosos: Revisão integrativa da literatura. *Revista Brasileira de*

Enfermagem, 66(1), 128-133. Recuperado de

<http://www.redalyc.org/html/2670/267028450018/>

- Paiva, M. M. de, & Tavares, D. M. dos S. (2015). Violência física e psicológica contra idosos: Prevalência e fatores associados. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 68(6), 1035-1041. doi:10.1590/0034-7167.2015680606i
- Quinn, M. J., & Tomita, S. K. (1997). *Elder abuse and neglect: Cause, diagnosis and interventions strategies*. New York: Springer.
- Skirbekk, V., & James, K. S. (2014). Abuse against elderly in India: The role of education. *BMC Public Health*, 14(336), 1-8. doi:10.1186/1471-2458-14-336
- World Health Organization. (2002). *World report on violence and health*. Geneve: Autor.